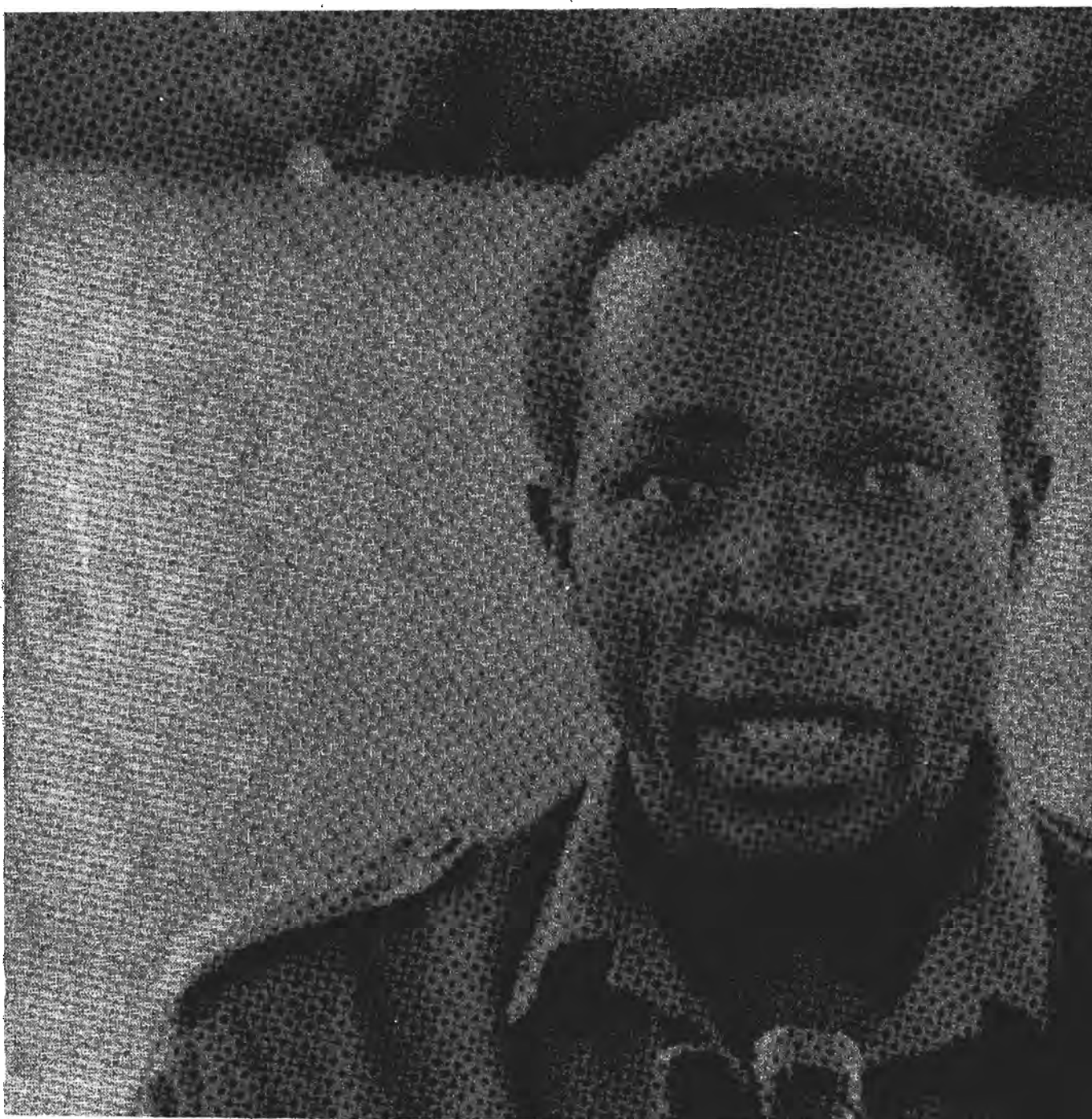


COMO FOI ABERTA A



RENTE DA ZAMBÉZIA

Depoimento de Bonifácio Gruveta

Em entrevista concedida ao emissor regional da Rádio Moçambique na Zambézia, o Camarada Bonifácio Gruveta relata-nos os passos dados pelas Forças Populares, aquando da reabertura da Frente de Luta Armada na Zambézia em 26 de Junho de 1974. A Frente da Zambézia, que pela primeira vez havia sido aberta em 1964, sendo oito meses depois encerrada por vários motivos, construiu perante o governo português a afirmação da determinação do povo moçambicano em lutar pela sua libertação completa, pela sua Independência total.

A particularidade desta frente foi ter sido reaberta depois do 25 de Abril, data da queda do regime colonial-fascista em Portugal.

Este depoimento, que por ser extenso, não coube no nosso número anterior, é, porém, pela sua importância, publicado na íntegra.

Locutor:

— Depois de ter como jovem militante participado na Frente de Luta Armada da Zambézia em 1964, o camarada Gruveta, passados 10 anos voltou e agora como Responsável do Departamento de Defesa Provincial, a esta mesma Frente reaberta em 1974. Camarada Gruveta, poderá dar-nos uma perspectiva de quando precisamente e em que circunstâncias é que reabriu a frente?

B. GRUVETA:

— Quando entrei para a Frente, em 1964 muito antes da Luta Armada, fiz nesta Província um trabalho clandestino, tendo este trabalho dado origem e início à Luta Armada. Nun-

ca sai portanto desta província, embora com a luta armada interrompida por várias razões. Mantive contactos com várias pessoas da Província, mantive contactos com muita gente cá da Província. A razão que levou o inimigo a efectuar prisões em massa foi precisamente a de que estendendo a sua rede de agentes informativos detetava de uma forma vaga os contactos e movimentos. Porém os nossos métodos de trabalho permitiam-nos manter o sigilo da clandestinidade. Apenas certas pessoas que connosco contactavam eram descobertas nos processos de trabalho, quer por emissão, falta de experiência, falta de preparação, etc.

A Luta Armada na frente veio portanto a reiniciar em 1974. A primeira entra-



nuar a combater contra nós, isso para nós foi uma vitória grande, isso para nós foi digamos como que um assalto, à vila de Milange e nós tomamos a vila. A vila passou assim a estar sob as ordens das Forças Populares. E nós demos a linha de orientação, de como é que o administrador devia agir dentro do Governo Português e dentro das Forças Populares que naquele momento acabavam de tomar a vila de Milange. E ao chegarmos à cidade de Milange, convidaram-nos para falarmos ao telefone para Quelimane para a emissora regional, e como eu não podia fazer uso de qualquer tipo de informações da FRELIMO através da via telefónica isso significaria uma forma de indisciplina no seio da Organização. Porque eu não tinha direito de falar pelo telefone, quando muito podíamos falar com os órgãos de informação da Rádio e da Imprensa, mas dialogando face a face, e não através de telefone, pois que isso caberia decidir ao órgão mais alto da FRELIMO. Teria que ser, por ordens da Direcção máxima e foi precisamente por isso que eu me recusei a falar pelo telefone para os órgãos de informação cá de Quelimane.

Passado algum tempo nós que tivemos sempre contactos com a cidade de Milange, levamos algumas crianças de Milange para a nossa base. As crianças que nós levamos foram: o filho do administrador do Distrito, o filho do chefe dos Correios de Milange, o senhor Escolas e mais outras crianças, que foram viver connosco durante sete dias na base. As crianças ficaram muito satisfeitas pois que foram pela primeira vez e foram as primeiras crianças que foram viver com os guerrilheiros na base da FRELIMO e pela primeira vez na história da FRELIMO. Eu estou muito certo de que isso foi bastante interessante para muita gente sobretudo para as pessoas que nunca tinham vivido connosco, mais ou menos como nós fizemos em Milange que em menos de cinco horas os pais já tinham confiança em nós e já mandavam os filhos connosco para o mato. Isto para nós foi mais uma confiança, mais um estímulo mais um encoraja-

ta de efectivos das Forças Populares que se processou através do distrito de Morrumbala, constituem uma estratégia militar, estratégia no sentido em que entrámos por uma zona por onde o inimigo não nos esperava, precisamente porque o inimigo esperava que nós entrássemos por Milange por onde tinhamos entrado pela primeira vez. É táctica necessária e corrente fazermos a provocação de um lado e atacarmos de outro. Atacamos assim as forças do exército colonial estacionadas no Chantengo e no Chire, portanto as de Morrumbala Chantengo e Chire. Ao mesmo tempo dirigimo-nos para a estrada de Quelimane—Milange—Gurue, pois que os nossos objectivos, colocar a bandeira da FRELIMO na montanha mais alta da Província que é a Serra de Namuli. Esta foi a nossa estratégia de combate.

OS CONTACTOS E A OCUPAÇÃO DE MILANGE

Locutor:

— Depois da entrada das Forças Populares, e das vitórias alcançadas em combate face às tropas coloniais, o camarada Bonifácio Gruveta viu concretizado o seu primeiro contacto portanto com o Dr. Oscar Monteiro. Além do contacto com o Dr. Oscar Monteiro, o camarada Bonifácio teve mais alguns contactos dentro da Província?

B. GRUVETA:

— Nós tivemos contactos muito antes de os ter com o camarada Oscar Monteiro, com o padre Xavier da missão de Milange, que foi a primeira pessoa que contactou connosco. Porém, quando o padre Xavier foi para a missão de Milange já não só como padre, este não fez uso do nosso encontro. Não o relatou a não ser a pessoas muito ligadas e sua absoluta confiança. Em virtude de nós termos informado as populações do Distrito de que não era nosso objectivo matar brancos, pois a nossa luta era uma luta de libertação e portanto contra as forças de opressão isto é: os GE, OPV, e tudo o que representava a máquina colonial portuguesa, essa era o nosso inimigo número um, contra quem nós combatíamos, mas como nós nos mantínhamos em contacto com as populações e as informávamos, estas fizeram uso das nossas palavras e tendo elas chegado aos ouvidos das autoridades. Tudo isso levou mesmo a que algumas pessoas fossem a do Administrador seus lugares. Caso importante e para nós interessante foi o do Administrador Neves Pinto que logo após os nossos primeiros ataques ao Chantengo e a Morrumbala e que nessa altura estava em Namungoé comprava para nós comida deixando-a sem connosco entrar em contacto, e recomendando simplesmente que se aparecessem

guerrilheiros que lhes dessem aquela comida. Tudo isso era para nós uma prova de que tínhamos aderência em todas as camadas, em todos os campos. Tínhamos aderência quer da população branca, negra, indiana, mista, moçambicanos e portugueses que estavam naquela área. Mais tarde tivemos então contactos com o camarada Dr. Oscar Monteiro que levou as nossas informações para muito longe. Porém tudo isto não acabou aqui, até porque como prova concreta (...) mais tarde tivemos contacto com o administrador do Distrito de Milange ao qual nesse dia entregamos 11 bandidos que andavam a saquear as lojas. Estes foram entregues ao Governo, aos órgãos do Governo. Nesse mesmo dia partimos para Milange e chegamos à missão onde passamos uma noite. No dia seguinte de manhã apareciam senhores, senhores administradores, a esposa do médico e ainda mais outras pessoas. As crianças vinham cumprimentar-nos e brincar connosco, e tudo isto era mais uma prova de que a nossa luta não era contra um indivíduo, mas estava contra a máquina que representava o colonialismo no nosso país. Logo a seguir convidaram-nos para ir à vila e então o capitão que lá estava na altura levou-nos para o quartel. Chegando ao quartel nós fomos ver que realmente o exército português não se encontrava em condições de conti-

mento, que as pessoas tiveram para conosco.

CHIRE — PRIMEIRA ZONA LIBERTADA DA ZAMBÉZIA

Locutor:

— Camarada Bonifácio quanto ao Chire...

B. GRUVETA:

— Quanto ao Chire, nós tivemos primeiro contactos com dois alferes portugueses, que conosco vieram ter, na área do Chire, numa determinada localidade. Conversando conosco, disseram-nos que não devíamos atacar o quartel do Chire. Esse foi o ponto crucial da nossa discussão. Eles não queriam um combate, e quando eles nos disseram que não queriam combater conosco, nós pedimos-lhes que fizessem a declaração por escrito, e eles fizeram a declaração por escrito. E como eles não queriam combater conosco e não tinham armas na mão já representavam o exército colonial, e como o nosso objectivo não era lutar contra homens, não era matar gente não estando eles armados não era necessário combatê-los. Foi essa a razão porque nós tivemos relações directas no quartel do Chire, tendo-se eles transformado em camaradas de armas. Eles revelaram que eram o símbolo das classes oprimidas em Portugal, por isso eles tornaram-se nossos amigos.

Locutor:

— Camarada, o Chire foi a primeira zona libertada da Zambézia?

B. GRUVETA:

— O Chire foi de facto a primeira zona libertada, e porque para nós era já a zona da rectaguarda. Havia soldados mas nós desconfiávamos daqueles soldados porque eram soldados desarmados, politicamente e militarmente.

O ACORDO DE LUSAKA

LOCUTOR:

— Camarada Bonifácio: Mais à frente, portanto depois, muito tempo depois, realizou-se o 7 de Setembro, o Acordo de Lusaka. O que é que o Camarada Bonifácio sentiu quando foi assinado o Acordo de Lusaka?

B. Gruveta:

— Para mim o Acordo de Lusaka não foi uma surpresa porque de toda a forma devia haver qualquer acordo por parte do Governo Português. E por que como eu muito bem disse que o exército colonial e o governo português já estava derrotado, que mais tarde ou mais cedo haveria sem dúvida nenhuma, se não houvesse Acordo de Lusaka, um desastre para o exército português, porque não haveria tempo para negociações. Por essa razão, a vitória de todos os moçambicanos já era certa.

Quando foi o Acordo de Lusaka teve a sorte de participar nas conversações, de estar presente. Constitui isso para mim facto importante, o de ter assistido a uma cerimónia de tão importante significado político como foi a assinatura dos Acordos de Lusaka.

«MOÇAMBIQUE LIVRE»

NÃO FOI SURPRESA

Locutor:

— Durante o Acordo de Lusaka, infelizmente aconteceu o chamado 7 de Setembro, um movimento reacccionário de nome «Moçambique Livre» que pelos distúrbios causados ficou bem gravado na mente de todos os moçambicanos. O que é que o Camarada Bonifácio achou desse movimento?

B. GRUVETA:

— Quando se deu, quan-

dos nós tivemos informações deste triste acontecimento a 7 de Setembro, em primeiro lugar para nós não foi uma surpresa, porque nós já tínhamos chamado a atenção à delegação portuguesa de que os portugueses em Moçambique se preparavam para alguma coisa, embora nós não estivessemos certos do que eles iriam fazer, mas já prevíamos de que haveria qualquer coisa.

Mas nós estávamos seguros de que a atitude dos colonialistas, sobretudo a atitude daqueles convencidos, não iria longe. Foi essa a razão que nos encorajou a no mesmo dia partirmos de Lusaka para Nampula. Quando nós recebemos essa informação, encontrávamo-nos ainda em Lusaka, tendo a delegação portuguesa acabado de partir há algumas horas, não tendo sequer ainda chegado a Nairobi. Foi então que o Presidente da FRELIMO, Camarada Samora Machel contactou com um oficial do exército português, que tinha ficado ainda em Lusaka, e que devia partir no dia seguinte para Nampula, informando-o do acontecimento. Nós estávamos reunidos em frente do aparelho de rádio para estar nos sempre a par daquilo que se passava em Moçambique. A decisão do nosso líder foi então a de: «Camaradas: avançar para Moçambique». Para salvarmos a população e para mantermos a posição que tomámos. Isto foi portanto para aqueles que estiveram na delegação, que fizeram parte da delegação da FRELIMO. Porém, o avanço teria que ser directamente de Lusaka para Nampula. Isso para nós foi uma prova do engajamento completo na Revolução, porque na altura a cidade de Nampula era uma cidade militar, tudo militarizado, cheio de tropa portuguesa. Mas os camaradas da FRELIMO sem exitar cumpriram a ordem. Grandes homens também podemos aqui citar, os pilotos que nos levaram, nomeadamente posso aqui citar o piloto camarada Neto. São pilotos que hoje andam na DETA, e que nos levaram de Lusaka a Nampula. Eu pertenci ao segundo grupo. Como eram aviões pequenos de seis lugares, eu fui no segundo grupo. No dia 8 eu estive em Nampula, e no dia 9 de Setembro eu fui a Lou-

renço Marques estudar a situação concreta para disposição militar da FRELIMO. Nessa altura, em Lourenço Marques não se podia andar. No dia 9 havia tiroteio por todos os lados.

A ENTRADA EM QUELIMANE

Locutor:

— Dez dias depois do 7 de Setembro, portanto, de um lado o Acordo de Lusaka e do outro o sangrento e reacccionário «Moçambique Livre», aconteceu o 17 de Setembro, data que está na história e que vai ficar na memória de todo o povo da Zambézia. Foi a entrada da FRELIMO em Quelimane. O Camarada Bonifácio lembra-se bem desta entrada e nós gostaríamos que falasse dela.

B. Gruveta:

— O dia 17 de Setembro para mim, como sabem, muito bem, estou certo de que algumas pessoas nos viram na nossa entrada. De facto fiquei bastante emocionado naquele dia, aquela emoção digamos de alegria, pois que tinha saído de Moçambique, (quando digo sair de Moçambique, queria dizer passar à clandestinidade, viver dessa maneira). Quando entramos éramos saudados por todos os lados e por toda a gente.

Não acreditem, mesmo quando dizem que a entrada era confidencial, pois que quando chegámos à cerâmica Monteiro & Giro vimos estudantes, camponeses, operários, a tropa portuguesa, toda a gente estava à nossa espera. E quando chegámos mesmo à cidade de Quelimane, e quando fomos dar uma volta pela cidade e nos dirigimos ao «Prédio Bulha», onde estava instalada a Sede dos Democratas, dali jáldamos e trocámos algumas palavras com as populações, que estavam representadas por toda a gente da cidade: operários, camponeses, estudantes e outros trabalhadores, quer dizer, todas as classes estavam representadas. Aquilo para nós foi mais uma prova e nós, emocionados, dissemos algumas palavras para saudar as populações, e dizermos quem éramos nós e o que é que vínhamos fazer.